

A MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA DE PESSOAS FALECIDAS EM REDES SOCIAIS DIGITAIS

Danilo Morais da Silva

Universidade Federal de Rondônia – Rondônia

RESUMO

O autor Halbwachs (1968, p. 32), diz que: “esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodeavam”. O luto de perder uma(s) pessoa(s) importante(s) na vida não é algo fácil, mas as lembranças ficam e as boas recordações nos trazem a alegria de ter vivido momentos inesquecíveis ao lado dessa(s) pessoa(s). O autor afirma que para reconstruir a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança, é necessário que esta reconstrução opere dados ou noções comuns que encontram no nosso espírito e no dos outros, porque transitam desses para aquele reciprocamente então podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (p. 34). Na internet, através das redes sociais digitais, as pessoas deixam ali seus registros de momentos vividos sozinhas ou com um grupo de pessoas. Pode-se afirmar que estão construindo memórias que serão acessadas em algum momento para que seja feita uma recordação, o próprio algoritmo dessas mídias sociais digitais fazem isso ao mostrar as recordações. Em relação a memória coletiva, o autor destaca que ela não explica por si mesma todas as nossas lembranças ou que explica a evolução de qualquer lembrança: “nada prova que todas as noções e imagens tomadas dos meios sociais de que fazemos parte, e intervêm na memória não cubra como uma tela de cinema, uma lembrança individual”. Para Halbwachs (1968): “ a questão toda é saber se uma tal lembrança pode existir, se é concebível”. Bastaria que tal lembrança fosse produzida uma única vez para demonstrar que nada se opõe a que intervenha em todos os casos. Se o debate é sobre a memória de quem se foi, como respeitá-la? Não seria melhor deixar a memória cair no esquecimento e construir novas memórias com outra(s) pessoa(s)? Seria uma relação descartável? Impossível, as lembranças ficam no subconsciente e quando menos esperamos são recortadas. Halbwachs (1968), afirma que na memória de um grupo destacam-se as lembranças dos acontecimentos, experiências que concernem aos seus membros e que resultam em sua própria vida, ou relações com grupos mais próximos, porém em contato com ele. Já as lembranças que concernem a menos pessoas e às vezes a apenas um de seus membros, podem ser compreendidas em sua memória, uma vez que produzem dentro de seus limites e passam para o último plano. Agora, entra-se num debate sobre o pensamento comum, muitas vezes as pessoas sentem falta de momentos em grupo, uma memória coletiva, e no intuito de promover uma forma de revivê-las acabam por reunir os membros ainda vivos e começam a confraternizar lembrando-se de fulano ou ciclano, dos momentos bons, dos momentos de tensão, enfim, de vários momentos que ele(s) viveu/viveram juntos(s), é possível compreender estas limitações quando o autor afirma que limitamo-nos a observar que nosso passado compreende duas espécies de elementos: I. aqueles que nos é possível evocar quando queremos; e II. aquele que não atendem ao nosso apelo. Pode-se dizer que estão dentro do domínio comum no sentido familiar e facilmente acessível, assim como o dos outros. Assim, as lembranças que são mais fáceis de serem lembradas, são do domínio comum pois elas estão para “todo mundo” e é por isso que somos capazes de lembrá-los, diz Halbwachs, (1968). Com a ascensão das tecnologias móveis e tendo o acesso à internet democratizado através dos mais variados tipos de conexões, é possível construir memórias individuais e coletivas a qual podem ser relembradas com muita alegria ou tristeza, dependendo de como foi constituída esta memória. Através



das redes sociais digitais como o Facebook e Instagram é possível deixar registros destes momentos e, se há laços sociais de associação (Recuero, 2009) com o perfil memorial da pessoa falecida, possibilita recordar esses momentos através dos registros ali feitos. Sendo assim, não é possível voltar ao tempo, infelizmente, mas é possível olhar para o passado com saudade e construir novas lembranças para que a vida continue sendo esse recordar-se e registrar-se momentos. Gagnebin (1998, p. 218) diz que: “a memória vive essa tensão entre presença e ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente”. Viver entre o presente e o ausente é um desafio das pessoas vivas, mas que guardam memórias de pessoas falecidas. Segundo a autora: “a palavra de rememoração e de louvor do poeta, corresponde, em sua intenção e em seus efeitos, às cerimônias de luto e de enterro. Como a estrela funerária erguida em memória do morto, o canto poético luta igualmente para manter viva a memória dos heróis”. Ela ainda descreve que o túmulo e palavra se revezam no trabalho de memória que, numa batalha contra o esquecimento, também é reconhecimento implícito da força do reconhecimento do poder da morte. Ela também diz que o trabalho com o luto deve nos ajudar a lembrar-nos dos mortos para melhor viver hoje, para que “a preocupação com a verdade do passado se complete na exigência de um presente que também possa ser verdadeiro”. Pollak (1989) também reflete acerca de como “no momento em que as testemunhas oculares sabem que vão desaparecer em breve, elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento”. Para o autor, na ausência da possibilidade de compreender, o silêncio - diferente do esquecimento - pode mesmo ser condição necessária (presumida ou real) para a comunicação com o meio ambiente. (Pollak, 1989). Motta (2014), cita Portelli (1996) quando fala da memória dividida onde “não se deve pensar apenas num conflito entre a memória comunitária pura e espontânea e aquela ‘oficial’ e ‘ideológica’, de forma que, uma vez desmontada esta última, se passa implicitamente assumir a autenticidade não mediada da primeira” (PORTELLI, 1996, p. 109 apud Motta, 2014). Na verdade, estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas, de uma forma ou de outra ideológica e culturalmente mediadas. A ideia de que há sempre memórias é algo que deve ser lembrado, antes mesmo de nos questionarmos sobre os responsáveis pela transmissão de determinada lembrança. Importante destacar: o que se quer lembrar, e porquê? Para Motta (2014) é importante compreender os diversos tempos da lembrança, uma vez que as memórias, que parecem estáticas, mudam com o tempo e com as novas demandas do presente. As páginas de “memorial” do facebook preservam os registros de seus usuários, é muito comum ver que, mesmo após falecido, no dia do aniversário, várias pessoas desejam os parabéns e etc. Talvez porque não saibam que faleceu ou simplesmente não tenham compartilhado algum momento com esta pessoa: “a recordação de uma pessoa só se torna um fato social quando ela a expressa verbalmente para alguém” (Motta, 2014, 184).

Palavras-chave: Memória, Pessoas Falecidas, Redes Sociais Digitais.



REFERÊNCIAS

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e Memória do Passado. Proj. História: São Paulo, 1998.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Vértice: São Paulo, 1990.

MOTTA, Márcia Maria Menéndez. História e Memória. Cadernos do CEOM: Chapecó, 2014. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2196>>. Acesso em 13 out. 2024.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos: Rio de Janeiro, 1989.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet. Meridional: Porto Alegre, 2009.